

O inconsciente, a linguagem... o significante¹

Márcio Nunes de Carvalho,² Brasília

Este texto não está num formato, digamos, acadêmico, porque meu interesse é que se preste para uma conversa com alguém disponível para “escutá-lo”.

1. A “frase girada”

Quando um analisando me disse ter ouvido que para Lacan “o inconsciente se organiza como linguagem”, acrescentando com certo ar de indiferença desconhecer do “assunto”, mas sabendo de que se trata de uma frase célebre que teria conexão com a linguística de Saussure, significante-significado, enfim, completando seu pensamento ao dizer que são “coisas que tenho conversado com uns amigos meus, intelectuais e estudiosos da psicanálise”, pensei, sem nada comentar, que se eu “girar” (palavra que me ocorreu) um pouco a frase de Lacan, ela poderia ser reformulada, ficando assim: “no inconsciente a linguagem se organiza ou tenta se organizar”.

Naquele momento, a “frase girada” pareceu-me apenas ser como um jogo de palavras, além do que, também achei que o analisando estava fazendo uma “provocação/convite” para uma discussão teórica. De passagem, perguntei se ele queria saber se eu pensava de forma lacaniana e ele respondeu que não importava muito se eu pensava ou não numa linha lacaniana, porque como dissera, tinha “completo desconhecimento” sobre aquele “assunto”. Mais adiante, aliás, mostrou que não era muito sincero no seu dar de ombros, pois algum interesse ele acabou demonstrando ter.

1 Uma versão inicial deste texto foi publicada em julho de 2025 em um grupo de discussão, no ambiente virtual Google Groups da Sociedade de Psicanálise de Brasília e do Instituto Virginia Leone Bicudo, destinado à troca de ideias entre seus membros.

2 Membro titular com função didática da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBs).

Dessa maneira, o “assunto” linguagem/inconsciente/significante/significado foi deixado de lado como sem futuro, enquanto eu pensava com meus botões, “esse assunto” parece que morre aqui.

A sessão seguiu como “deveria” seguir analiticamente, se é que assim posso afirmar, porque muito rapidamente decretei que o “assunto” “morria aqui”; na verdade, ele não “morreu ali”. Por razões que “Freud explica”, ele, o “assunto”, ficou por um bom tempo dormente em minha mente, ressurgindo quando me ocorreu que a “frase girada” não era, frente à frase lacaniana, apenas uma variação em torno de um mesmo tema. Ela, a “frase girada”, no inconsciente a linguagem se organiza, mostrava-me uma outra perspectiva para o “assunto” inconsciente/linguagem trazido pelo analisando, gerando, em consequência, um segundo “assunto” e bem diferente do primeiro.

Esse segundo “assunto”, levantado pela “frase girada”, remeteu-me à teoria de Bion da Barreira de Contato e, de imediato, ao fundamental conceito kleiniano de uma inata fantasia inconsciente que infunde vida mental desde uma incipiente e primitiva mente até uma mente desenvolvida; uma espécie de condição sine qua non para o desenvolvimento da linguagem *senso lato*.

Entre parênteses, esclareço que o significado que dou à palavra linguagem segue o conceito clássico de um sistema de signos constituindo a língua articulada regida por regras gramaticais necessárias à fala e ao discurso pessoal permitindo a comunicação entre pessoas.

Enfim, a teoria da Barreira de Contato (formada por um conjunto de signos, os elementos alfa que se organizam num sistema ideográfico resultantes da ação de uma hipotética função alfa trabalhando sobre experiências sensoriais-emocionais) responderia pelo processo da formação da linguagem como base sobre a qual evoluiriam desde a construção onírica, processo imaginativo, criatividade, pensamento verbal, conhecimento e comunicação com suas atribuições psicossociais. Portanto, e psicanaliticamente, estou ampliando o conceito clássico de linguagem para incluir o seu evoluir desde o inconsciente.

Conforme já disseram alguns autores bionianos, as ideias formuladas na teoria da Barreira de Contato guardam similaridade e um

inegável parentesco (além da escrita ideogramática japonesa) com a ancestral linguagem implícita nas pinturas rupestres pré-históricas encontradas em cavernas nos mais diferentes lugares da terra. E, digamos, precursoras de uma linguagem ampliada. Os pictogramas rupestres, além de se mostrarem como uma arte primordial e possivelmente antecipadora das artes plásticas, são, também, modelos de um pensar primitivo, pré-verbal, com pretensão à comunicação.

2. Momento psicanalítico

O que se segue são fragmentos de um “momento analítico” que permaneceram em minha memória e que procurei reunir numa edição resumida e meio caótica, mas que considero razoavelmente confiável e respeitando todos os critérios de sigilo profissional. Portanto, vou contar, e não relatar, mesmo sabendo do dito, que quem conta um conto aumenta um ponto.

O analisando dizia “apreciar” nosso trabalho analítico parecendo me ouvir e pensar sobre o que eu dizia. Entretanto, paralelamente a essa suposta disposição para o trabalho analítico, deixava entrever encobertas dúvidas ou restrições quanto à validade de nossos encontros. Dúvidas por mim apontadas e sistematicamente negadas. Com alguma frequência, criticava psicanalistas referindo-se para o que classificava como caretice freudiana, razão pela qual eles deveriam mudar de uma orientação retrógrada, careta, para uma orientação moderna, avançada. Mas não esclarecia o queria dizer com retrógrado ou avançado, assim como não admitia que suas críticas eram dirigidas a mim por tabela.

Afirmava não ter conhecimentos teóricos psicanalíticos, não obstante trazer comentários como se isso não fosse verdade. Contava ele ser apenas uma pessoa curiosa, um freelancer, autodenominava-se assim, acreditando que a psicanálise precisava de uma “chacoalhada” para sobreviver. Achava que psicanalistas caretas tinham uma nostalgia freudiana que os faziam sonhar com pacientes histéricas

e homens-lobos obsessivos, coisas do passado. Para ele, isso era ir a um passado superado sem olhar para o mundo atual com outros contextos e outras cabeças. Ou se anda para trás ou para frente. Eram frases que ele sempre repetia, e que acabei constatando, vinham a propósito de sua participação em um grupo de leitura de clássicos da literatura e da filosofia, no qual duas pessoas do grupo e amigos pessoais eram pessoas bastante interessadas em psicanálise. Tais leituras e discussões no grupo de estudo, dizia ele, proporcionavam-lhe um saber libertador que contribuía para o desenvolvimento de seu pensamento crítico. Tinha absoluta convicção de que o conhecimento da literatura clássica e da filosofia eram ferramentas que impulsionam as mentes para “frente”. Enfim, enquanto apostava todas as fichas no grupo de estudos para seu enriquecimento pessoal, ali comigo e diante de minha, mas não explicitada por ele, carece freudiana, enaltecia as conversas com os amigos intelectuais, conversas que estavam lhe proporcionando um saber libertador.

Aos poucos, constatei duas coisas: uma, é que ele me ouvia e me dava atenção, mas escutar mesmo ele não me escutava; a outra é que, igualmente, eu o ouvia com atenção, mas escutá-lo mesmo eu não o escutava. Se não nos escutávamos, obviamente, não podíamos pensar no que falávamos. Surdez de lado a lado e nossas conversas de surdos, indo para as nuvens. Por exemplo, incomodava-me ele nunca se mostrar propenso a pensar numa velada disputa entre um saber libertador oferecido pelo grupo e um saber a ser alcançado pela psicanálise; e me era muito irritante ele me poupar de críticas depreciativas com uma conversa simpática mais de acordo com conversas no contexto social.

A velada-negada rivalidade comigo e um evidente temor de se aprofundar sobre suas falas que faziam apologia ao novo, ao grupo de estudos, a uma psicanálise moderna, sua insistência no para frente contra a carece freudiana, eram sempre tangenciados. Ao valer-se, para sustentar seus argumentos, das conversas com seus colegas intelectuais cuja erudição tanto o impressionava, não percebia

que repetia a fala deles como se fosse a sua fala, como se fosse seu o conhecimento que eles transmitiam. Em meio ao meu incômodo contratransferencial, certa vez indaguei se ele não estava apenas diplomaticamente tagarelando, pois estava sempre repetindo o que ouvia lá no grupo e trazendo para mim mais cópia do que criação. Acrescentei que o jeito com que falava comigo lembrava um “gravador mental” que ele ligava para gravar conversas e depois as trazia para mim como se fossem suas. Perguntei: – Você não estaria se apropriando de um conhecimento ou de um saber que é dos amigos? Surpreendentemente, ele pareceu me escutar e não recuou. Pensou e disse: – Você está sendo implacavelmente cruel. Sei que analista não tem que ser bonzinho... é assim que meus amigos dizem... é, eles dizem. Silenciou.

Minha fala poderia mesmo estar sendo implacavelmente contundente, uma resposta contratransferencial movida pelo impulso de rejeitar a pecha de careta não explicitamente impingida a mim; ou implacavelmente contundente para fazê-lo me escutar. Contratransferencial ou não, novidades ocorreram. Ele falou de como eu o fazia se lembrar de seu pai, uma figura implacável de péssimas lembranças. Mas que agora era inevitável falar dele. E isso veio a propósito de um sonho do qual não se lembrava muito bem, mas que era quase a mesma coisa de outros sonhos: enfrentar, lutar ou fugir de um inimigo que não revelava sua fisionomia porque sempre as fugas ou as lutas se davam numa escuridão. A mesma escuridão em que andávamos mergulhados, pensei. E, claro, escuridão demandando por uma nova escuta, até aquele momento nada intuitiva.

Não é nada fácil sair de uma não escuta para alcançar uma escuta intuitiva, mas fui em busca de novos vértices. Fui percebendo que sua insistência em enaltecer o grupo de estudo e, particularmente, os amigos intelectuais era como se dissesse que eu precisava “escutá-lo” de uma maneira pessoal, não analógica e não analiticamente padronizada; ou seja, uma análise não-careta. Ao ter sido implacável

por falar da tagarelice e do gravador mental, adicionando ele, sem dó nem piedade, eu entendi que ele, com todas as críticas não admitidas a mim e à minha análise, inconscientemente ele esperava que eu entendesse sua condição de subjugado a uma devastadora e implacável figura paterna internalizada, que o anulava e da qual pensava se defender por meio de um saber libertador – viesse de onde viesse.

Coisas foram acontecendo na cabeça dele, em minha cabeça e no campo relacional, trazendo aberturas associativas. Quanto a mim, eu já não me perguntava se não estava apenas ouvindo-o sem escutá-lo. Isto fora um fato. Fui abrindo minha escuta e foi ficando evidente que seu grupo de estudos tinha a função de um acolhimento maternal que o protegia e prometia dotá-lo de um saber libertador, libertador, diga-se de passagem, do pai implacável. Se, de um lado, havia um pai implacável, de outro, havia uma mãe idealizada, compondo uma típica configuração edípica. Posteriormente, essa configuração se alternou com uma outra, qual seja, a de um pai implacável, mas salvador, e de uma mãe não confiável, vaidosa e competitiva, descrição e comentários que começou a trazer sobre o grupo e os amigos. No primeiro cenário, ele, como um filho emudecido, que não podia pensar nem ter fala própria, restando-lhe apenas o poder roubar falas que não eram suas. No segundo cenário, o pai implacável muda para a condição de pai implacável, mas salvador, por ter o saber supremo. Aqui, penso no analista, transferencialmente falando, mantido longe de críticas.

Nossas conversas evoluíram numa nova dimensão transferencial-contratransferencial quando, por exemplo, afirmou que minhas acusações de tagarelice e de ele ter (ou ser) um gravador mental foram de uma dureza difícil de engolir, mas que, pela simplicidade e franqueza, luminosas, elas o fizeram pensar sobre por onde andava sua autenticidade; e se é que ela existia. Afirmou que compreendia semanticamente essa palavra “autenticidade”, mas que não conseguia realizá-la. Num novo caminhar analítico, que não era nem

para frente nem para trás, um caminhar para dentro, levaram-no a questionamentos sobre o que, por exemplo, realmente vem a ser o saber.

Depois de lhe dizer algo que não me lembro, ele, com uma certa e diferente intensidade emocional em relação ao seu habitual padrão de distanciamento emocional, e como pergunta, falou: – Eu preciso do saber libertador para não desaparecer no oceano humano... bem, desaparecer nesse oceano de idiotas... não acho que o grupo irá me salvar... como já contei, vejo no grupo muita frivolidade e vaidade.

Aguardei um pouco, falei de seu desapontamento e indaguei se esse oceano era seu habitat, um habitat em que saber e autenticidade não tinham lugar. Esclareci que minha indagação decorria de uma impressão de que talvez ele buscasse no libertador saber a boia de salvação não apenas para não se dissolver na massa humana que chamou de idiota, mas, também, para escapar de um implacável pai interno. Respondeu, inicialmente, sem pensar muito: – E não é mesmo assustador? Um não saber, sei lá, um não ser, é um naufrágio humano.

Sabemos que o tempo cronológico não é o tempo analítico e que a “memória” da experiência analítica é uma memória onírica (penso no Aleph de Borges: tudo agora, nem novo nem velho, apenas tudo agora), mas se precisar de uma cronologia para localizar nosso momento analítico, diria que ocorreu mais ou menos entre dois e três anos de análise. Tempo que teve um antes, um depois e um muito depois, este último, aliás, tempo deste texto. Por esse tempo cronológico, ele começou a me ouvir/escutar, sem tantos receios quanto a recordar, concordar ou se expressar. Tempo de uma fala mais sincera.

O inesperado, como sempre, e hoje reconheço como no “atemporal” de um encontro entre ICS, ocorreu numa “saraivada de insights” em meio a processos associativos que creio ser um fato próximo da experiência do uno no espaço relacional. Isso aconteceu quando ele

ouviu seus amigos dizerem que todo analisando é um significante e que o analista é um decifrador. Fez uma observação: – Eu sou como um significante que pede, por favor, me salve do naufrágio do não saber ou do não ser... me decifre!

Sobre essa sua observação lembrei-me de Édipo e da Esfinge e quem no campo relacional decifra quem. Um Édipo em mim projetado incapaz de escapar da degola. Respondi: – Estar como um significante é terrível, à medida que se fica na total dependência de uma mente para dar vida e consistência; caso contrário, naufrágio. E acrescentei: – Vamos pensar na possibilidade de você ser como um significante-filho que precisa da proteção de uma mãe que o proteja de um pai implacável. Ele falou: – Me falta saber... que saber estou procurando? Depois de um curto silêncio Já concluí que o que preciso não virá do grupo. Acrescentei: – Da mãe. Ele seguiu: – Você é o dono do significado... isto te dá poder (silêncio), mas para te contrariar, você que afirma que eu não faço nunca, estou te escutando e vou pensar sobre essa nossa conversa. Acrescentei: – O pai implacável se torna o pai salvador, por possuir o saber supremo.

Nessa nova estação relacional digamos, analiticamente produtiva, admitiu que percebia em minhas observações uma certa caretice conservadora, não sabendo se de natureza freudiana ou outra qualquer, o que não mais lhe importava tanto. Disse: – Quem sabe, seja coisa minha mesmo te enxergar assim.

Pareceu-me se dar conta da mudança do vértice da caretice ameaçadora para uma caretice inofensiva e como não ameaçadora. Quem sabe seja interessante escutá-la.

Foi significativo ele ter se enveredado na direção de uma afirmação de que estava percebendo que a novidade tão procurada por ele e a vida toda, era estratégia para fugir da figura paterna implacável, o que acabou gerando uma obstinação até então oculta na fachada de um revolucionário freelancer. Um revolucionário que pretendia mudar o rumo das artes/comunicação, sua área de trabalho, na qual se considerava um artista com bom potencial criativo. E

triumfar sobre o pai – idealizado, ambivalentemente respeitado, temido, invejado.

Quando disse reconhecer que tem vivido numa rivalidade comigo, sugeri se não seria por causa de uma suposta superioridade de meu implacável saber sobre tagarelices que o faziam lembrar da implacável superioridade paterna. Após um certo silêncio, que aguardei com uma forte impressão de que ele estava vivenciando algo ou mesmo presenciando não sei o quê para o qual não tinha palavras, sussurrou algo meio inaudível sobre superioridade, arrumou-se fisicamente no divã e disse: – Talvez por isso eu sempre precisei me sentir dono de um saber sobre os rumos a tomar em minha vida, sempre com absoluta certeza, independência e total clareza de que sabia para onde estava indo... dono de meu destino... e, veja só, agora estou me dando conta dessa absurda credence e que ela era simplesmente antagonica em relação a uma experiência verdadeiramente inovadora.

O que poderia ser uma oscilação onipotência-impotência, não o foi. Mais adiante, confessou: – Muitas vezes via nossas conversas como meio caóticas, sem rumo ou com rumos tortuosos que me angustiavam por não seguirem por direções claras e com objetivos claros, precisos, concretos. E refletiu: – Eu odiava o fato de que quem tem o domínio aqui é você enquanto eu sou um submisso ... você está com razão sobre meu medo de te aceitar como intelectualmente superior... eu escondo na submissão meu desejo de um saber superior... (e cantarolou) sou apenas um pobre significante latino-americano (lembrando a música de Belchior).

Falei: – Parece-me que você está se entendendo melhor com as tortuosidades de sua mente, de nossas conversas e da vida. Ato contínuo disse: – Penso que não sou como um significante e sim eu sou o significante... temendo vir a ser o insignificante... o paradoxo é: analista implacável, analista salvador. Conjecturo: – O Senhor Significante, um perfeito codinome, um terceiro assunto...

3. O assunto: a linguagem e o significante

Como propus e me repetindo, entendo o desenvolvimento da linguagem como um evento mental inconsciente, originalmente numa forma imagética e que do ponto de vista ontogenético evolui desde o pré-natal. No referido evento, a Fantasia Inconsciente se faz presente precedendo, emoldurando e criando o enredo que dá vida aos ideogramas na formação do processo de sonhar/pensar, alicerçando, portanto, um sistema de comunicação por meio da linguagem ordinária ampliada nas suas várias formas e finalidades: filosofia, arte, ciência e religião.

Linguagem, portanto, do ponto de vista dos processos de transformações e dos fenômenos correlatos delas decorrentes, evoluindo segundo as seguintes alternativas:

1) como uma transformação $ICS \rightarrow \kappa$ sendo a resultante K um conhecimento a ser expresso em determinada língua, fala e discurso pessoal incluindo qualquer modalidade de Arte;

2) como uma transformação $ICS \rightarrow \kappa \rightarrow O$, sendo O um conhecimento inalcançável, incognoscível que nenhuma “fala” pode abarcar; lugar da vivência do “ser” e não do “saber”. Neste último caso, a vivência intraduzível em palavras poderá passar por outra transformação que a aproximará de um conhecimento possível, aproximado à vivência da realidade última: $ICS \rightarrow O \rightarrow \kappa$.

Refletindo sobre o “Momento Analítico”, penso que o analisando alcançou um autoconhecimento no sentido $ICS \rightarrow \kappa$ ao se dar conta de que não sou quem pensava ser; ou tenho vivido numa espécie de dimensão mítica. O que equivale a tomadas de consciência de idealizações alimentadas por fantasias inconscientes de onisciência. Suas indagações sobre o que vem a ser o ser/saber, como um processo infinito, segundo a ideia de Heráclito que ele passou a prezar e em que o elemento primordial é o vir a ser, pois tudo se acha em perpétuo fluir, elas equivaliam a $ICS \rightarrow \kappa \rightarrow O$. Minha suposição é a de que ele transitou de um modo $ICS \rightarrow \kappa$ para $\kappa \rightarrow O$, movimento no espaço da linguagem falada matizada por oníricas imagens evoluídas em meio à livres associações e sentimentos iluminadores sugestivos de um estado de êxtase.

Sobre minha escuta que deveria capturar movimentos do inconsciente, já me adiantei sobre isso, o analisando foi durante certo tempo mais ouvido que escutado. Uma clara indicação de que minha Barreira de Contato estava funcionando como espelho da dele sinalizando, portanto, para um ICS criativo barrado. Suas “falas” sentidas por mim como provocadoras, levavam-me a ver apenas tagarelices que ele apontou como crueldade implacável. Penso que ele se refugiava em minha surdez, e paradoxalmente, porque necessitava de minha mente decifrador. O que se confirma quando indaga quem sou eu, indagação que evolui para sou só um significante. Enquanto ele se perguntava, eu por outro lado, me perguntava sobre sua privação do alimento-significado, por mim mantida, considerando a inexistência do sonhar decifrador por conta de uma Barreira de Contato obstruída. Obstruída, mas nem tanto, pois um insight significativo me ocorreu na imagem do analisando diante de uma encruzilhada que o posicionava entre acreditar no grupo ou na análise, na mãe insuficiente ou no pai implacável, mas salvador. Em minha imaginação, a dor do não existir e do sentimento de insignificância estavam atrelados a uma escolha a ser feita, entre uma mãe e um pai internalizados, o que comuniquei a ele. Nossas conversas giraram aparentemente em torno de questões objetivas, como sobre o grupo de estudos, que deveria ser sua boia salva-vidas para salvá-lo de um “naufrágio no mar das idiotices”, mas que, sem sua cegueira defensiva e pensando de forma não idealizada, podia presenciar e constatar eventuais frivolidade, vaidades e rivalidades antes negadas. Estávamos transitando por um terreno edipiano que, até então, apenas tínhamos ensaiado penetrar. De uma simples analogia, sou como um significante evoluímos para a constatação eu sou o significante, o que prenunciava uma outra realidade, realidade psíquica, na qual se evidenciava o mito de uma encruzilhada que selaria seu destino, ou pela derrota ou pelo triunfo.

As “falas” repetitivas, as tagarelices, deram lugar a outras “falas” que se dirigiam a ele mesmo, como a falta de imaginação para quem tem a pretensão de revolucionar o campo das artes e da comunicação, até indagações novas como percebo que tenho buscado um falso saber... libertador ... mas libertador do quê? De qualquer forma, sinalizavam

para um vazio interior que poderia explicar um terreno fértil para um possível falso self, que, no meu entender, mais que falso self configurava-se um não self como refúgio no nada, como estratégia de sobrevivência.

Para tanto, contribuía uma Barreira de Contato “fechada” sem trocas ICS→←CS pela falta de permeabilidade, a dele como a minha, determinando um apagão da imaginação e, claro, de um pensar crítico e criativo. Entendia eu, e ele também, quando um sonhar manifesto em livres associações começou a aparecer, que todo esse conjunto era a resultante do ataque (Fantasia Inconsciente) por parte de um pai interno implacavelmente anti-crescimento e da presença de uma mãe não confiável (o grupo de estudos). Enfim, figuras edípicas circulavam pelo campo relacional entre encontros, desencontros e impactos transferenciais-contratransferenciais. Desencontros, por exemplo quando ambos queríamos que um decifrasse o outro, numa confusão de quem seria Édipo e quem seria Esfinge.

Para finalizar, uma ficção: dois fictícios personagens invisíveis a olho nu só alcançáveis pela luneta da intuição quando esta se faz presente: significante e elemento beta, cada um tendo origem em diferentes níveis mentais.

O personagem significante que pode ter existência mesmo sem ganhar significado, já que se serve da língua aprendida para se fazer presente (as “falas”), evolui da Barreira de Contato como um quase-pensamento, um pensamento em evolução face a presença de um imaginário (idealizações) que o torna fechado em si mesmo. Sem a mente acolhedora e decodificadora seu destino será o de uma ocorrência à margem da linguagem ampliada numa frágil inserção social.

O personagem elemento beta, “filho de uma falha da função alfa”, na dependência da motivação que o movimenta atravessa a Barreira de Contato ora com esperança de encontrar uma mente continente ora como um míssil em busca de seu alvo. Encontrando uma mente continente (e que não é a própria mente) ele, em tese, pode se transformar num elemento alfa. Da mesma forma que o personagem significante, caso não encontre essa mente terá como destino o desterro na forma de um objeto bizarro descarnado ou de uma alucinação.

Acredito que foi por um acaso, como sói acontecer em psicanálise e em meio à “falas” que me confundiam, que acabei me encontrando com o significante analisando para além de suas “falas”. “Falas” como importantes sinalizações de uma alma sofrida com sentimento de privação, de confinamento, urgência em ou sou decifrado e existirei, ou será meu naufrágio; ou, ainda, preciso ser senhor de minha vida, uma realização buscada avidamente num idealizado saber libertador que o maternal grupo de estudos lhe proporcionaria. O encontro, ao qual me referi acima, surpreendente se deu graças ao seu insight: o significante sou eu mesmo, em carne e osso. Sou um significante ameaçado de me tornar insignificante. O significado para o ser o significante ameaçado de se tornar insignificante apontava para seu mundo mítico edipiano.

As “falas” do personagem significante eram diferentes das “não falas” do personagem elemento beta, indicadoras de angustias primitivas e falhas graves no processo de pensar. Essas “não falas” não faziam parte de nosso enredo analítico. Ou faziam, e se sim, meu “encontro” com o personagem elemento beta não aconteceu. As “falas” ouvidas como “tagarelices” desviavam minha escuta e adiavam o encontro com o personagem significante. Quando este aconteceu, destravou a análise deixando-a, tanto quanto possível, caminhar livremente. Um bom começo para um novo saber libertador em direção ao ser ($\kappa \rightarrow o$).

A título de uma conclusão, em minha ficção os personagens por mim inventados, significante e elemento beta, ganham vida se a escuta analítica intuitiva a eles der vida. Vida naquele espectro da linguagem constituída por “falas não faladas” e “não-falas”, como parte de comunicações obscuras e, de qualquer forma, contraponto à linguagem originária do ICS onde pulsam vitalmente livres associações em direção a realizações $ICS \rightarrow \kappa \rightarrow o \rightarrow \kappa$.

Finalizando, significante e elemento beta, mas não só, movimentam o campo transferencial silenciosamente, num silêncio que, paradoxalmente, pode acordar o analista de um “sono dogmático” quando fica sonhando com um suposto saber explícito no pretensioso: “Eu sei! Isso é porque...”

Comigo foi assim.

P. S.

Com a pandemia, a análise foi interrompida e não retomada online. O analisando teve a infecção pelo covid-19, complicações cardiorespiratórias, ficou na UTI por semanas, saiu de alta com sequelas, viajou aos Estados Unidos para se tratar, retornou e se mudou para Portugal com o objetivo de lá morar, tratar e trabalhar em casa. Recebi uma mensagem que dizia, entre outras coisas, que o covid-19 não conseguiu matá-lo e não iria conseguir fazer da vida dele uma vida *insignificante*. Terminou dizendo que mandaria notícias. Foi nosso último contato.

Márcio Nunes de Carvalho

marcio.ncarvalho@hotmail.com